

A SEMANA – 215*

12 de julho de 1896

A bomba do Eldorado durou o espaço de uma manhã, tal qual a rosa de Malherbe.¹ Esta velha rosa é que parece querer durar a eternidade. E aqui faço uma pequena crítica ao Sr. conselheiro Ângelo do Amaral. S. Ex. escreveu no *Jornal do Commercio* um artigo contra o remédio que o Sr. senador Leite e Oiticica publicou na *Revista Brasileira* para extirpar o mal das nossas finanças.² A revisão deixou passar esta frase: “a rosa do Sr. senador pelas Alagoas teria a sorte da de Malherbe.” O Sr. Ângelo do Amaral³ corrigiu-a no dia seguinte, restaurando o que escrevera: “o projeto do Sr. senador pelas Alagoas teria a sorte da rosa de Malherbe.”⁴ Ah! por que não imitou o

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 193, p. 1, 12 jul. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 221-226). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Jornais informavam que no dia 5 de julho de 1896 uma bomba estourou no Panteon Ceroplástico, de propriedade do sr. Cunha Sales, no antigo edifício do teatro Eldorado (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 186, p. 2, 5 jul. 1896). A bomba foi detonada por assaltantes que tentavam invadir o local, onde também ocorriam jogos e apostas. Na explosão e na subsequente confusão, um homem morreu e outros se feriram. O teatro Eldorado funcionou entre 1863 e 1905 “na antiga Rua da Ajuda n. 57 que, antes de ser fracionada, começava na Rua São José e terminava na Santa Luzia, esquina da Travessa do Maia, que desapareceu com o traçado da Avenida Central”. (DIAS, 2012, p. 120 e p. 124) A expressão “rosa de Malherbe”, por meio da qual se indica que algo durou muito pouco tempo, utilizada diversas vezes por Machado de Assis, tem origem no poema “Consolation à M. du Périer”, escrito por François Malherbe (1555-1628) na ocasião da morte de sua (de M. du Périer) filha. No poema, há esta estrofe: “Mais elle étoit du monde, où les plus belles choses / Ont le pire destin; / Et rose elle a vécu ce que vivent les roses, / L’espace d’un matin.” (MALHERBE, 1842, p. 39); “Mas era ela do mundo, onde as mais belas coisas / Têm o pior destino; / E rosa ela viveu o que vivem as rosas, / O espaço de uma manhã.” [Trad. livre nossa]

² “O mal financeiro e o seu remédio” – *Revista Brasileira*, ano II, t. VI, p. 204-214, p. 310-323, p. 371-382, abr.-jun. 1896.

³ Ângelo do Amaral] Ângelo – em SEM1953.

⁴ O *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 187, p. 1, 5 jul. 1896) publicou uma matéria intitulada “O mal financeiro e o seu remédio”, de autoria de Ângelo do Amaral, onde se lê: “o Sr. Senador Leite e Oiticica, talvez o membro do Congresso que mais se preocupa e ocupa com os negócios do Ministério da Fazenda, persuadido de que a ruína de nossas finanças vem exclusivamente da baixa do câmbio e esta do meio circulante, pretende restaurá-las de pronto, fazendo passar nesta sessão legislativa um projeto de lei que substitua o *papel-moeda*, resgatado, não pelo seu valor nominal, mas real ou de curso, em relação ao câmbio degradado que temos, por *moeda-papel*, garantido com ouro, que o Governo adquirirá, contraíndo um empréstimo de vinte milhões esterlinos. E, no intuito de formar opinião que ampare o seu audacioso tentâmen, provocou sobre ele a discussão em uma série de artigos publicados na *Revista Brasileira*, sob o título que tomei para este. [...] A rosa do ilustre senador pelas Alagoas, teria a sorte da de Malherbe, duraria o

próprio poeta Malherbe, a quem a revisão atribuiu o verso que ficou?⁵ Francamente, a primeira forma era melhor; completava o seu pensamento dando ao projeto o nome da coisa perecível, uma vez que o acha perecível. Não me diga desdenhosamente que seria poético; poesia não deve entrar só por citação nas matérias áridas; pode muito bem tratar do próprio chão duro em que se pisa.

A rosa do Eldorado... Veja como eu dou execução ao meu conselho, sem que aliás uma bomba se pareça com flor. A rosa do Eldorado viveu tão pouco que nem se chegou a saber se foi dinamite, se pólvora; mas parece que foi pólvora. A incredulidade, que não morreu com Voltaire, abanou as orelhas⁶ à dinamite, o que diminuiu muito o horror à bomba. Mas fosse isto ou aquilo, o que é certo é que houve faca e revólver, um morto (Deus lhe fale n'alma!)⁷ e alguns feridos; entrando-se em dúvida tão somente se o ataque veio de fora ou de dentro, ou se de ambos os lados. Fez-se autópsia; e enterrou-se o cadáver. *Quia pulvis es.*⁸ Segundo li ontem, vai aparecer um incidente extraordinário neste negócio que lhe dará nova face. Não há de ser a ressurreição do defunto.

Houve denúncia, dias depois daquele, de que⁹ iam cair algumas bombas de dinamite, não já no Eldorado; mas no próprio Jardim Zoológico. A polícia mandou força; mas, ou porque a denúncia não tivesse fundamento, ou porque as providências da autoridade fizessem suspender a ação, não caiu nada, nem dinamite nem pólvora. Em compensação apareceu acônito, não já no Jardim Zoológico, mas em uma farmácia da rua Frei Caneca, donde foi dado a um doente, que ia morrendo à quarta dose, envenenado. Já disse o que penso destes envenenamentos. Uma vez que nenhuma

tempo de uma *madrugada financeira*.” No número do dia seguinte, o *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 188, p. 2, 6 jul. 1896) publicou, a pedido de Ângelo do Amaral, a seguinte correção: “O artigo que, sob o título *O mal financeiro e o seu remédio* e minha assinatura, está no *Jornal do Commercio* [...], saiu com erros de que não faço cabedal; mas não posso deixar de corrigir os seguintes: [...] No § 26, em vez de ‘a rosa do ilustre senador pelas Alagoas teria a sorte da de Malherbe’, leia-se ‘o projeto do ilustre senador pelas Alagoas teria a sorte da rosa de Malherbe.’” O senador Leite e Oiticica publicou réplica ao artigo de Ângelo do Amaral – *Jornal do Commercio*, ano 75, n. 191, p. 1, col. 2-3, 9 jul. 1896 –, cujo primeiro parágrafo transcrevemos: “Leio sempre com o maior prazer os artigos do distinto Sr. Conselheiro Ângelo do Amaral; ao ver o meu trabalho que a *Revista Brasileira* publicou, criticado com opinião contrária por tão distinto polemista, eu devera quebrar a pena e confessar-me imaginativo em finanças, cedendo aos conceitos que me foram mandados como o conselho da experiência e da competência no assunto. Infelizmente eu não sou um convencido hoje de erro que cometesse ao escrever esse estudo, nem posso fazer o abandono das minhas opiniões, embora a opinião autorizada de quem eu proclamo: mestre na ciência das finanças. Honrado com uma refutação por pena tão hábil, peço-lhe permissão para declarar-me penhorado e defender as minhas teorias da morte prematura com que S. Ex. as ameaçou, comparando-as a essas pobres rosas, apenas com a vida *aérea dos meus voos de Ícaro*.” Francisco de Paula Leite e Oiticica (1853-1927) era advogado e político – deputado federal (1891-1893) e senador (1894-1899), particularmente interessado em economia e finanças públicas. Ângelo Tomás do Amaral (1822-1901) era engenheiro, jornalista e político – deputado federal.

⁵ A variante do verso a que Machado alude é a seguinte: “Et ne pouvoit Rosette être mieux que les roses”. Diz-se que é uma anedota a revisão feita por Malherbe, mencionada nesta crônica. (MALHERBE, 1863, p. 81-82)

⁶ abanar as orelhas: “não querer, não consentir, não anuir”. (NASCENTES, 1966, p. 204)

⁷ Deus lhe fale n'alma!: “Deus o tenha em glória.” (NASCENTES, 1966, p. 97-98)

⁸ “Porque és pó”. [Trad. nossa]

⁹ de que] que – em SEM1953.

intenção os produz, mas simples enganos, não são criminosos; ao contrário, podendo auxiliar o conhecimento da verdade, são necessários. No presente caso, por um soldado que se perdeu, salvou-se o exército. É assim na guerra, é assim na vida. O ato do farmacêutico é que foi outra rosa de Malherbe.

Quanto ao jogo dos bichos, trava-se contra ele uma rude campanha. Começada na imprensa, vai sendo continuada pela polícia. As ordens expedidas por esta são positivas, e a execução por parte dos seus agentes vai sendo pontual. O quinhão da luta na imprensa é copioso. Medidas há (força é dizê-lo) que se não expedem logo pelo receio de que a imprensa as condene ou critique, o serviço fique malvisto, e a ação afrouxe. Mas uma vez que os jornais, como os parlamentos, votem uma moção de confiança nestes termos: “A opinião, certa de que o jogo será morto, passa à ordem do dia”, a autoridade assim apoiada e reforçada emprega todos os seus recursos.¹⁰

A minha dúvida única é se o bicho morto não ressuscitará com diversa forma. Agora mesmo nem tudo são bichos; há prêmios de bebidas, distribuição de gravuras e outras convenções de azar. Convém ter em vista que os jogos são muitos. A loteria, um dos mais velhos, que tem desmoralizado a sociedade, serve com os seus números às várias especulações; mas não é a culpada única desta perversão de costumes. Única não pode ser:¹¹ ela corrompe, ela deve ser extirpada, como outras instituições de *dar fortuna*; mas não esqueçamos que ela é também efeito. Contaram-me que por ocasião do encilhamento, – essa enorme bicharia, em que todos os carneiros perderam, – ocorria um fato assaz característico. Sabe-se que na rua da Alfândega o ajuntamento era grande e o tumulto frequente. Alguma vez foi preciso empregar força para aquietar os ânimos e dar passagem a outra gente. Sucedia então que, saindo a correr duas praças de cavalaria através da multidão, eram os próprios animais objeto de apostas, dizendo uns que o primeiro cavalo que chegava à esquina era o de cá, e outros que era o de lá, e os que acertavam recebiam um ou dois contos de réis.

Meditai bem. Uma paixão do azar tão grande, que o próprio cavalo (era já o bicho!) do agente da ordem servia de dado aos jogadores, não sai assim com duas razões. Não tenho remédio senão citar as estrebarias de Augias para poder invocar Hércules.¹² É preciso ser Hércules. Quem sabe se este número e esta nota que acabo de ler nos jornais: “19.915 foi o número de vidros de xarope de alcatrão e jataí vendidos no mês

¹⁰ Jornais cariocas publicavam matérias condenando o jogo dos bichos, acusando as autoridades políticas e a polícia de negligência. Por exemplo: na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 187, p. 1, 6 jul. 1896) um artigo dizia: “É uma vergonha o que se passa nesta cidade com o jogo. [...] a que extremo de desespero querem levar os que têm fé no futuro desta terra, os que se envergonham de ver tomar posto ao lado da febre amarela, filha principalmente do desleixo municipal, o jogo dos bichos, que principalmente devemos à cumplicidade interessada dos agentes da polícia?”

¹¹ não pode ser:] não pode ser; – em SEM1953.

¹² Hércules, no quinto de seus doze trabalhos, deveria limpar os estábulos do rei Augias, da cidade de Élis, no Peloponeso, o que fez em um único dia, desviando o curso de dois rios próximos.

passado”,¹³ não é já uma forma nova para substituir os bichos? Tudo pode ser bicho; os próprios jornais, os mesmos artigos que combatem o mal, expõem-se a servir de pasto ao jogo, se os empresários deste se lembrarem de vender sobre a primeira letra do artigo de amanhã. Uns compram nas letras A até M, outros nas letras N até Z; e, ao contrário da lança de Téletó,¹⁴ que curava as feridas que fazia, aqui os remédios levam em si o veneno, como nas farmácias.

A paixão do azar é tal que quando acabou a guerra franco-prussiana, Paris, não obstante os desastres de tão dura campanha e a dor patriótica da nação, chegou a jogar em plena rua. Rompeu, entretanto, a Comuna.¹⁵ Um dos comunistas, o famoso Raul Rigault,¹⁶ encarregado da polícia da cidade, expediu um decreto, que podeis ler nas *Memórias de Rochefort*, tomo II, pág. 366. Esse decreto, depois de dois considerandos, tinha este único artigo: “O jogo de azar é formalmente proibido.”¹⁷ Pois assim tão pequeno, sem taxaço de pena nem indicação de processo, foi cumprido sem hesitação. A razão creio estar no poder da Comuna, que não se contentava com prender as pessoas, ia-as logo mandando para um mundo melhor. Daí a minha dúvida, por mais pura vontade que tenha a intendência municipal rejeitando a nova concessão ao jogo da pelota, e a polícia caçando os bichos. Creio que o mal está muito fundo.

Não digo que, por estar ferido, seja impossível curá-lo; digo que é preciso mais tempo que a manhã¹⁸ da rosa de Malherbe ou o dia inteiro da *Batracomiomaquia*. Neste poema, em que os ratos lutam com as rãs, Júpiter, rindo de gosto¹⁹ diz a Minerva: “Filha minha, vai ajudar os ratos, que sempre andam no teu templo, à cata da gordura e dos

¹³ A informação pode ser lida em jornais publicados na semana. Ver *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 192, p. 6, 10 jul. 1896.): “19.915 foi o número de vidros de xarope de alcatrão e jataí de Honório do Prado, vendidos no mês próximo passado.”

¹⁴ Téletó era filho de Hércules (Hércules) e Auge. Os gregos a caminho de Troia desembarcaram por engano na Mísia (atualmente, região da Turquia), acreditando que se encontravam na Frígia (outra região da Turquia). Téletó enfrentou os invasores, mas quando Aquiles o atacou fugiu assustado. Na fuga tropeçou em uma videira e caiu; nesse momento foi atingido pela lança de Aquiles. A ferida não cicatrizava; consultado, um oráculo disse que a ferida seria curada pelo objeto que a causou. Téletó ofereceu-se para guiar os gregos até Troia, se Aquiles o curasse, o que fez colocando um pouco da ferrugem que se encontrava em sua lança sobre a ferida de Téletó. (POMPEU, 2008, p. 83-98; e GRIMAL, 1993, p. 432-433)

¹⁵ Comuna de Paris (1871): breve levante popular considerado o primeiro governo operário da história, que vigorou por ocasião da resistência do povo francês à invasão alemã. A experiência foi interrompida violentamente pelas forças de Marie Joseph Louis Adolphe Thiers (1797-1877), presidente eleito do Governo Provisório de Defesa Nacional, que substituiu Napoleão III.

¹⁶ Raoul Rigault (1846-1871), chefe de polícia e membro do Conselho da Comuna, morreu durante o conflito.

¹⁷ Henri Rochefort (1831-1913), jornalista de personalidade forte e combativa. Oponente do Segundo Império Francês (1852-1870), foi combatido por bonapartistas, por monarquistas, por republicanos e por socialistas. Fora de Paris, não participou dos acontecimentos da Comuna, mas criticou o levante popular. O cronista se refere a *Les aventures de ma vie* – obra publicada em 1896-1898, em 5 tomos –, de Rochefort. Machado de Assis leu, pelo menos, o tomo 2, uma vez que traduz e cita uma frase, que se encontra exatamente na página 366 (t. 2): “Les jeux de hasard sont formellement interdits.” (ROCHEFORT, 1896-1898, t. 2, p. 366)

¹⁸ a manhã] amanhã – em GN. Acatamos a lição de Aurélio.

¹⁹ gosto] gosto, – em SEM1953. Na *Gazeta* a palavra vem em fim de linha.

restos dos sacrifícios.”²⁰ Já então os bichos davam de comer aos ratos! Minerva recusa; acha que é melhor ver as batalhas de cima, ou, como se diz moderna e vulgarmente, ver os touros de palanque...²¹ Não, não basta aquele dia todo, nem os vinte dias da *Ilíada*;²² é preciso mais tempo e muita saúde orgânica.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 193, p. 1, 12 jul. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14525>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

DIAS, José da Silva. *Teatros do Rio: do Século XVIII ao Século XX*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012.

²⁰ *Batracomiomaquia* (“Guerra das rãs e dos ratos”), de Pseudo-Homero: paródia cômica da *Ilíada*. Não identificamos a autoria da tradução citada por Machado de Assis. (Ver PSEUDO-HOMERO, 2008, p. 55)

²¹ ver touros de palanque: “presenciar de lugar seguro um tumulto, assistir a uma discussão sem tomar parte nela.” (NASCENTES, 1966, p. 294)

²² Na *Batracomiomaquia*, a batalha entre rãs e ratos (narrada nos cem versos finais) transcorre em um único dia. (PSEUDO-HOMERO, 2008, p. 40) Na *Ilíada*, a batalha final entre gregos e troianos abarca aproximadamente 20 dias.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

MALHERBE, François. *Poésies*. Paris: Charpentier, 1842.

MALHERBE, François. *Oeuvres poétiques de Malherbe*. Réimprimées sur la nouvelle édition publiée par M. Lud. Lalanne. Paris: L. Hachette, 1863. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5442355p/f2.item.r=rosette>>.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

POMPEU, A. M. C. (2008). Eurípides aristofânico: a tragédia como artifício cômico. *Letras Clássicas*, (12), 83-98.

PSEUDO-HOMERO. *Batracomiomaquia: a guerra das rãs e dos ratos*. Introdução e tradução do grego de Rodolfo Pais Nunes Lopes. Coimbra: Univ. de Coimbra, 2008.

ROCHEFORT, Henri. *Les aventures de ma vie*. 3. ed. Paris: Paul Dupon, 1896-1898. 5t.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.